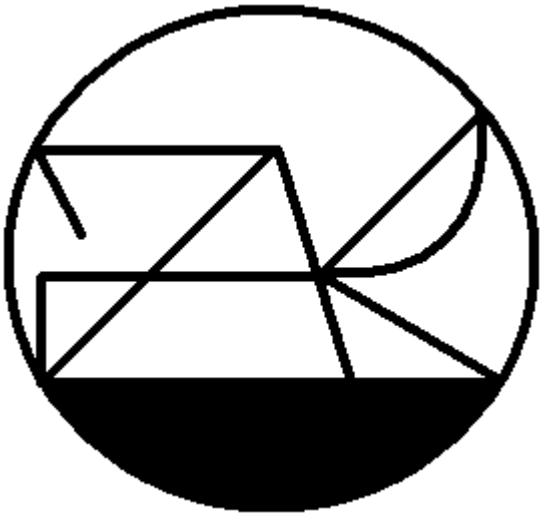
JAYR ALENCAR LIMA



RISCANDO O CÉU



Copyleft – 2013 by Jayr Alencar Lima
Autorização parcial, apenas para cópia e distribuição.

Título Original
Riscando o Céu

Capa, Editoração e Revisão
Jayr Alencar Lima

Digitação
Jayr Alencar Lima

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada. Para ver uma cópia desta licença, visite http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/.



PRODUÇÕES INDEPENDENTES REGÊNCIA

e-mail: jayralencar@linuxmail.org
site: www.mardepoesias.com.br
blog: http://regenciaindependente.blogspot.com.br/

.

I n M e m o r i a m

Luciana Alencar Lima

Alcides Pereira de Alencar

Almerinda Ferreira de Alencar

Í N D I C E

PREFÁCIO 06
EM BUSCA DA PERFEIÇÃO 08
ENTREVISTA 10
O GRANDE VEÍCULO DE DARWIN 10
TRÍDUO 12
HOLOCAUSTO PARTICULAR 13
TODO DIA É UM NOVO DIA DE LUTA 14
VÍCIO ERRADO 15
A VIA II 18
O VENTO DOCE 19
POR BAIXO DAS CINZAS HÁ FOGO 20
NOSSO MODELO 21
THE BEST WAY 21
DERIVA-MOR 23
CAOS-RN 23
NO CIRCO VOADOR 24
A ROSA DA PRAIA 26
METAMORFOSE 26
UM LUGAR PERFEITO 27
ANOITECER 27
ACÓRDÃO DE POUCOS 29
HÁ MALVA 30
NA MESMA 31
QUEM CANSA DA DANÇA? 33
À NOITE 33
NÓS 35
VOCÊ E O SOL 37
CONSOLAÇÃO 38

LÁGRIMAS NO APÊ 39
DESGOSTO 42
CRIANÇA 43
MARÉS 45
CARPEM DIEM II 47
DESABRIGO 48
DE LONGA DATA 49
ISH LIB DISH 50
QUERER E NÃO PODER 51
SEM PUREZA 53
RITMO FRENÉTICO 54
LIBERDADE II 56
LIBERDADE 57

UM OLHAR URBANO...

"Riscando o Céu" surge como um impulso poético, de um espírito idealista e contestador, por alçar uma espécie de perfeição particular, concebida na contemplação de um universo subjetivo. Essa "pretensão" maravilhosa perpassa por uma crítica ácida à moral de forma nietzschiana, às vezes como um grito de ordem, outras vezes em um frenesi Beat.

O lirismo do poeta Jayr Alencar Lima pode ser visto como o*cogito*, vagando sempre como uma voz inconsciente do eu coletivo, a voz da angústia existencialista. Um olhar urbano, próximo ao decadentismo, com uma linguagem que lembra às variantes mais populares. O poeta pau-ferrense vasculhou em sua obra a miscelânea profana da raça humana, apontando sempre para o amor de forma filosófica e quase messiânica, tendo o centro urbano e seus "nativos" como pano de fundo.

Devaneando e filosofando, a linguagem desses poemas variam da poética ácida e visceral, como no poema "Todo dia é um novo dia de luta", à poética trovadoresca do poema "Tríduo", de forma que a carga ideológica seda espaço, às vezes, a um lirismo desinteressado, quase patético, beirando a um *nonsense*.

Permeando o decadentismo de versos nebulosos onde "morremos cheios de feridas podres/ encobertas pelas cervejas de tantos porres/ vomitando abortos clandestinos/ chorando lágrimas de meninas e meninos", o eu-lírico canta as temáticas universais através de uma musicalidade que mistura a cultura popular, trilhada sob versos brancos à uma espécie de dialogismo que serve como oficina para o trabalho de sua semântica, "sem compromisso com

aparências e vaidades", como falou em seu próprio texto introdutório, o autor, passível de ser notado através da fluidez e impermanência em 'Por Baixo das Cinzas há Fogo".

Dessa forma panfletária e dançante, numa linguagem intimista e direta, à maneira de Gregório de Matos, predomina a denuncia, sendo a poesia usada em forma de protesto numa poética engajada. Entretanto, não se pode deixar de atentar para o quadro que se forma como pano de fundo através da crueza do decadentismo, mas não sem lirismo, como em "Marés":"Quero ir de volta aos mares/ nem aqui, nem em outros lugares/tenho o manto de estrelas sobre mim/ nem tenho teu beijo me aliviando no súbito fim". No poema "Carpe Diem 2", o autor utilizou a repetição como recurso para dar ênfase à vida, recorrendo a artifícios utilizados pela poesia romântica.

Com os pés bem no chão, mas singrando o firmamento, buscando a perfeição riscando o céu, "sem compromisso com aparências e vaidades". Avante, nobre Jayr Alencar Lima, com sua bandeira hasteada apontando para o trono do amor, por entre os corpos sem vida que compõem o quadro social que nos condena pra sempre!

Yuri Hícaro
Professor, Escritor e Poeta



Em busca da perfeição

Em minhas reflexões pude perceber a possibilidade das pessoas estarem sempre evoluindo na direção de um novo patamar em suas vidas. Sabemos que nem todos pensam e agem neste sentido, mas isso faz parte de uma escolha individual. Entretanto, para quem busca a evolução, deve tomar algo como referência, ou seja, um modelo que demonstre a perfeição do que decidimos alcançar, pois somente desta forma teremos um foco consistente para trilhar o caminho escolhido. Porém, tantas discussões filosóficas já alertaram para a impossibilidade da perfeição, pois a mesma não passa de um conceito inalcançável pelos nossos recursos disponíveis.

Acredito que sempre será possível e necessário buscar a perfeição em nossas ações e garantir a excelência na nossa qualidade de vida, pois como já ouvi falar por aí: "às vezes é mais prazeroso e produtivo viajar do que chegar ao destino". Quer dizer que nessa busca estaremos constantemente nos aperfeiçoando, evoluindo e até mesmo modelando nosso espírito de luta sem necessariamente atingir a perfeição almejada.

Nisso reside o desígnio do nome deste segundo trabalho que publico, pois este tem referência direta à busca pela perfeição. Trabalhei uma analogia para chegar ao nome: "Riscando o Céu". Fiz proveito daquela velha expressão: "O céu é o limite" e percebi que na busca pela perfeição nos deparamos muitas vezes com nossos limites e de alguma forma tentamos sempre superá-los para ascender um nível a mais no nosso desenvolvimento pessoal. Daí continuei com minhas analogias lembrando que os únicos a

estarem sempre desafiando seus limites e as barreiras intransponíveis do céu são os pilotos de avião e consequentemente pensei: “Aqueles caras que fazem acrobacias estão sempre riscando o céu com seus aviões em manobras cada vez mais perigosas e difíceis do que a outra, sempre no limite, sempre buscando a perfeição”.

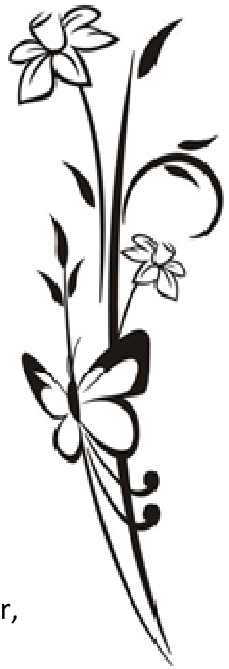
Então resolvi batizar este livro de “Riscando o Céu” já que o perfeccionismo comedido faz parte da minha filosofia de vida e de certa forma tentei transferir esta tendência para as poesias. E estas possuem características diversas, até porque foram escritas em momentos distintos assim como ocorreu em “Haja o que Houver”, a diferença básica é que este livro não é mais um cartão de apresentação como o primeiro e por isso expandi minha licença poética sem compromisso com aparências e vaidades, coisa que não descaracteriza o fator simbólico de estar imbuído da busca pela perfeição no que escrevo, pois enfrento meu limite poético por meio da catarse criativa e não buscando escrever “poeminhas” perfeitos em métricas e rimas.





ENTREVISTA (2008)

Estou me perdendo aqui por perto
O tempo está cedendo à dor
O tempo dura o tempo certo
O que importa no fim é o quê se passou.



Estou vivendo, de fato estou
Mas não sei quem de fato sou.
Um bloco indivisível?
Ou um retalho incompreensível?

Há uma crise? Ou há um deslize?
Mesmo o que eu não entendo
Acontece aqui no centro.
Mesmo que eu te mostre
Sei que você não está vendo.

Somos uma religião condenada
Somos sombras solitárias
Vagando à incerta sala esquecida
Onde a entrevista é uma volta diária
Às lembranças, que por enquanto podem relembrar,
Às esperanças que por certo irão cessar.

O GRANDE VEÍCULO DE DARWIN (2008)



Eu já estava no meio do caminho
Quando descobri o caminho do meio
Aprendi a suportar o espinho